

INTRODUÇÃO

O presente volume da *Revista de Estudos Literários* do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) elege para campo de estudos «A Sátira: Teorias & Práticas», entendendo que a opção por esse tema enquadra o objetivo global da publicação, assente na problematização e atualização de conteúdos, no âmbito dos Estudos Literários. Como se destacava na convocatória de artigos, «a Sátira configura-se como um procedimento artístico de grande labilidade e transversalidade, surgindo não só em diferentes géneros e diferentes tempos literários, mas também em diferentes manifestações artísticas. Este número da *Revista de Estudos Literários* tem por intuito reunir textos que abordem as questões teóricas que marcam o debate contemporâneo sobre a Sátira e que reflitam sobre as formas, os modos e os matizes de que se reveste, quando trabalhada pelos diferentes autores da literatura de língua portuguesa.». Acrescenta-se, a esta apresentação, o facto de a Sátira, pela complexidade formal do seu *ethos*, revelar uma abertura a diferentes domínios estéticos, permitindo (re)pensar as fronteiras epistemológicas dos Estudos Literários.

Na realidade, a motivação primeira do repto lançado, subjacente ao conteúdo e forma do presente volume, é condicionada pelo pressuposto de que a versatilidade ontológica da Sátira, avaliada em estudos que recentemente lhe têm vindo a ser consagrados (Linda Hutcheon, Sophie Duval, Pascal Engel, Fredric V. Bogel, Brian A. Connery e Kirk Combe, Jane Ogborn e Peter Buckroyd, Pascal Debailly, entre outros), na esteira de reflexões fundadoras, como as de Schiller, Benjamin, Lukács, revela a sua predisposição para interrogar, a vários níveis, o funcionamento do literário, os seus modos plurais de significação, no âmbito das Humanidades e do Conhecimento Humanista.

A conceção temática e formal deste volume foi pensada nesse contexto de evidências. Do exercício dialógico que se desenvolve, sob uma perspectiva teórico-crítica, desde a Antiguidade, entre uma caracterização da Sátira enquanto *género*, e uma apreensão mais atual do procedimento, como problema estético e ético, resulta a constatação das suas simultâneas autonomia e contiguidade formais, relativamente a outras categorias literárias e plásticas, como o belo, o sublime, o trágico, o grotesco, o humorístico, o caricatural, e, num outro limiar de funcionamento, a ironia e a paródia. Infere-se, ainda, que a Sátira, pela sua versatilidade constitutiva e teórica, pelo seu carácter proteico, pode ser permeável a mecanismos de metarreflexividade e de autorreflexividade que alargam o seu espectro de intervenção política e social, gradualmente acentuado e diferentemente trabalhado, ao longo dos séculos.

Os ensaios que dão corpo à «Secção Temática» deste volume da *Revista de Estudos Literários* demonstram, claramente, a razoabilidade operatória das considerações já tecidas neste preâmbulo, confirmando, a diversos níveis, a existência de uma *poética satírica*, teórica e pragmaticamente legitimada, como se acentua no título escolhido para o volume: «A Sátira: Teorias & Práticas». Aliás, a própria estrutura-índice da Secção, decorrente da *resposta adequada* que cada artigo constitui relativamente ao articulado que anunciava o tema do volume, aponta para a pluralidade de sentido inscrita no binómio (“Teorias & Práticas”) e, ao mesmo tempo, para o movimento constante de interseção que se institui entre o pensamento teórico sobre a Sátira e a sua prática literária e artística. Nessa medida, a um primeiro momento de reflexão teórica (e, tacitamente, prática), segue-se um segundo momento de reflexão pragmática (e, necessariamente, teórica), ordenado de acordo com a lógica cronológica dos textos e com a evolução conceptual que pressupõem.

Assim, os artigos de Pascal Debailly, Pedro Aullón de Haro e António Sousa Ribeiro constituem o momento de reflexão teórica da «Secção Temática», ao (re)configurarem, de forma produtivamente diferente, mas complementar, o *ethos* da Sátira, no quadro da epistemologia contemporânea dos Estudos Literários. Situando o “estado da arte” e indo *para além* desse estado/estádio, a reflexão dos autores contribui, de forma decisiva, para contextualizar os estudos subsequentes do volume. Em «Poétique de la Satire», Debailly traça, numa primeira instância, o percurso crítico e retórico da Sátira, enquanto género, para, de seguida, a considerar uma “epopeia às avessas”, a junção da palavra com a violência (violência da indignação, violência do riso), a partir da qual se entende a fratura entre ideal e real que marca a emergência do sujeito lírico moderno; chega-se, por essa via, à noção de “lirismo satírico”, ancorado no cómico e na negatividade. Prolongam-se os fundamentos epistémicos desta primeira reflexão no ensaio de Pedro Aullón de Haro – «Introducción a la Sátira como problema estético general» –, na exata medida em que o autor se propõe submeter a Sátira a um exame crítico, a partir de dois critérios complementares: o critério constitutivo (aquele que filia o exercício satírico, simultaneamente, na vida comum e na arte, isto é, na execução literária e plástica); o critério teorético (aquele que integra a matéria satírica no âmbito das atividades próprias da Crítica e da Estética). O grau de indeterminação desta categoria ontológico-existencial, a radicalidade ética e estética que marca a Sátira, no âmbito do pensamento contemporâneo que sobre ela é produzido, vêm-se progressivamente valorizados ao longo deste ensaio, em forma de experimentação teórica, permitindo fazer uma ponte oportuna com a proposta de leitura das teorias e práticas da Sátira moderna, formulada por António Sousa Ribeiro. De facto, na mesma linha de pensamento, o artigo que encerra este primeiro momento de dimensão mais teórica, considera essencial para a definição do modo satírico e análise

da sua ontologia, o cruzamento da sua legitimação ética e estética. A imagem benjaminiana do autor satírico como “forma civilizada do canibal” justifica essa outra da “escrita antropofágica”, escrutinada pela/na análise da obra de Karl Krauss e do modo como a Sátira nela assume, assim como nas Vanguardas, modalidades de violência e de agressão socializada, sem deixar de coabitar, quase paradoxalmente, com o espírito da utopia, em contexto histórico da Primeira Guerra Mundial. Os três artigos acentuam, por conseguinte, movimentos de transgressão e de regressão que marcam o espectro teórico da Sátira e a sua *praxis*, não rasurando a sua labilidade endêmica e as suas mutações formais, da Antiguidade aos séculos XX e XXI. Nesse sentido, assumem-se como o preâmbulo eficaz dos textos que se seguem e, ao mesmo tempo, como o seu corolário lógico, a sua conclusão em aberto ou em interrogação (sob a forma de *problema*).

Com efeito, os artigos de Maria do Céu Fraga, Paulo Silva Pereira e Sara Augusto dão conta de como, na literatura portuguesa dos séculos XV a XVIII, a Sátira segue percursos de oscilação ontológica, determinados por contextos vários de fixação e de motivação estética e ética dos textos. Primeiramente, a obra bucólica de Diogo Bernardes obedece, como mostra Maria do Céu Fraga («Brandos, suaves ... e satíricos. Bucolismo e sátira em Diogo Bernardes») ao princípio lírico quinhentista da “brandura”, intersetando habilmente nele versos satíricos de crítica social, através dos quais se reflete sobre situações e acontecimentos do mundo empírico, do “tempo do mal”. De seguida, fixando-se no período Filipino e da Restauração, Paulo da Silva Pereira apresenta uma análise literária e sociológica do género e modo («Sátira anti-castelhana e (re)construção identitária no Portugal restaurado»), visando demonstrar, a partir da fixação de um *corpus* satírico anti-castelhano (Domingos Pereira Bracamonte, entre outros), como os conceitos de “intercultura” e de “comunidade interliterária” se tornam operatórios na análise da disrupção

estética e ética que subjaz à Sátira, em contexto político de afirmação de identidades. Finalmente, apesar das divergências estéticas óbvias entre a matéria satírica e o discurso moral, Sara Augusto propõe, em «A versão portuguesa do *Diabo Coxo*: da sátira ao moralismo», uma leitura inédita desse manuscrito da segunda metade do século XVIII, atribuído a Joaquim M. Sequeira Bramão, através da qual reflete sobre o modo de convergência estética e ética de Sátira e moralismo na literatura ficcional moralista seiscentista e setecentista portuguesa, sendo certo que, ao reescrever Lesage (*Le Diable Boiteux*) e Luís de Guevara (*El Diablo cojuelo*), Bramão atenua a violência da manifestação satírica, por razões contextuais de produção e receção.

Parece, assim, tornar-se evidente que os três artigos reafirmam a instabilidade ontológica da Sátira, a sua oscilação estruturante entre a representação do real e do ideal, a partir de uma amostragem pragmática formalmente delimitada, mas cronologicamente vasta e significativa, permitindo, por isso, a passagem (meta)teórica para o século XIX e, significativamente, para o início da nossa produção romanesca de matéria contemporânea. Ofélia Paiva Monteiro seleciona, para o efeito, dois textos «menores», um de António Pedro Lopes de Mendonça – *Memórias de um Doido* (1849/1859) –, outro de D. João de Azevedo – *O Cético* (1852) –, situados, como afirma, nas duas décadas que separam *As Viagens* de Garrett das obras de Júlio Dinis. A justificação dessa opção, que figura, desde logo, no título do artigo («Os primórdios do romance português de atualidade: depravação social e exacerbação idealista»), decorre da associação, aparentemente polémica, de uma matéria romanesca de *atualidade*, que emerge das duas ficções, ao tratamento *moderno* da degradação social (corrupção, falsidade moral, jogos de poder, no liberalismo) e idealismo (aspirações utópicas do herói ultraromântico), implícito ao enquadramento teórico da Sátira no espaço da ideologia (da sociedade, da política).

A destabilização de sentidos que se verifica nestes dois romances «menores» anuncia, como mostra Ofélia Paiva Monteiro, a ficção contemporânea e o modo como a Sátira nela se manifesta, ora descrevendo mundos possíveis (através da figuração das personagens, das situações), ora escrevendo-se a si própria pela autorreflexividade (através do discurso e do metadiscurso). Os artigos de Maria João Simões e de Maria do Rosário Mariano dão conta, nesta sequência, dessa *intraquilidade* estruturante da Sátira na ficção contemporânea e da exacerbação do seu caráter proteiforme em textos de Mário de Carvalho e Gonçalo M. Tavares, respetivamente. Deste modo, a «incómoda sátira» («A incómoda Sátira: matizes satíricos em Mário de Carvalho») é aquela que, de acordo com Maria João Simões, se situa no limite (e situa o limite) das fronteiras com a paródia, a ironia, o humor (negro), permitindo-se a ficção de Mário de Carvalho explorar, no âmbito dessa labilidade ontológica de conceitos e procedimentos estético-literários, a ligação da matéria satírica (conflitos socioculturais identificáveis pelo/no leitor) com a ideologia. Acentua-se, igualmente, o registo proteiforme da Sátira e a “retórica da demolição” que este procedimento institui, na análise que Maria do Rosário Mariano realiza de textos ficcionais de Gonçalo M. Tavares («Metamorfoses do risível na Sátira contemporânea. Registos satíricos e implícitos axiológicos em textos ficcionais de Gonçalo M. Tavares»), ancorando-se a reflexão em pressupostos ideológicos e contextos civilizacionais pós-modernos: as metamorfoses que o registo satírico ostenta, na ficção narrativa de Gonçalo M. Tavares, convertíveis num espectro estético de dominantes parodísticas, humorísticas, irónicas, sarcásticas, grotescas, revelam distopias sociais que a autora fixa no âmbito das propensões entrópicas da Sátira.

Como corolário deste conjunto de diferentes manifestações da radical versatilidade estética e ética da Sátira, o estudo de Luís Carlos S. Branco, ao introduzir uma obra lírico-musical – *Psicopátria* (1986) – da

autoria do grupo GNR («*Psicopátria*: uma sátira de Portugal em modulação *pop-rock*»), (re)define a Sátira, projetando-a a um nível de análise transmedial, sem deixar de acentuar o confronto disruptivo entre o retrato/autópsia social epocal e o ideal, a violenta justaposição ideológica do “Psicopata” e da “Pátria”, representada através do olhar (que é texto, som e imagem) do autor satírico. Percebe-se, no seu todo, e no final desta «Secção Temática», que os reptos lançados na convocatória de artigos deste volume obtiveram maioritariamente uma resposta plural e, não obstante, coerente, mesmo que (sobretudo porque) *intranquila*.

Cumprindo o esquema traçado, desde o primeiro volume, para a *Revista de Estudos Literários*, em sintonia com os objetivos que se propôs desenvolver no quadro do CLP e dos Estudos Literários em Portugal, este volume apresenta, ainda, uma «Secção não-temática», bem como as rubricas «Profissão» e «Arquivo», fechando com um conjunto significativo de «Recensões».

Acolheu, neste caso, a «Secção não-temática» dois artigos de natureza distinta, mas ambos de conteúdo relevante para um diálogo de natureza intercultural que a Revista tende a promover. «Escrita, Eco e Sátira: a dimensão metaliterária de *Vuitanta-sis contes* de Quim Monzó», elaborado por Helena Costa Carvalho, alarga o debate sobre a Sátira à literatura catalã, partindo da compilação de cinco livros de contos do autor, publicada em 2001, e do modo como aí se tematiza, de forma parodística e irónica, a reflexão sobre a literatura, no interior do texto literário. Já Alexandra Schamel propõe uma leitura original de *Julie ou La Nouvelle Héloïse* de Jean-Jacques Rousseau («Blind love, Romanticism, and Rousseau’s novel *Julie ou La Nouvelle Héloïse*»), mostrando a conjugação atual de uma perspetiva estética de análise (intimismo da escrita) com uma perspetiva antropológica (sensibilidade Iluminista, estruturas da “obscurité”). Os dois artigos obedecem, por conseguinte, ao intuito de traçar o “estado da arte” no

que às matérias selecionadas diz respeito.

A escolha, para a secção «Profissão», da entrevista realizada a Mário de Carvalho, em março de 2017, por Isabel Simões e Alexandre Valinho Gigas (da RUC – Rádio da Universidade de Coimbra), após o debate integrado na *19ª Semana Cultural da UC* – “Quem somos e Como nos Imaginamos” –, em que o escritor participou, com Lúcia Jorge, a convite do CLP, pareceu-nos de uma oportunidade rara: pelo retrato do autor-homem; pela ligação do autor-narrador a uma perceção e a um discurso satíricos sobre o mundo. Do mesmo modo, revelar, em «Arquivo», «Fisiologias de Lopes de Mendonça: ‘Fisiologia’ à portuguesa em folhetim», significa, no quadro teórico e conceptual deste volume da *REL*, dar espaço a uma outra forma de escrita satírica do autor de *Memórias de um Doido*, agora em folhetim, sublinhando diferentes declinações da Sátira (aplicada a ambientes e tipos humanos), em contíguas fronteiras de sentido.

Remete-se, assim, tacitamente (circularmente), o leitor, após o «Arquivo», para o primeiro momento teórico da «Secção Temática», e para uma síntese possível dos problemas e interrogações aí *colocados* – ou deixados em aberto: a impossibilidade de ultrapassar o grau de indeterminação categorial da Sátira; a radicalidade estética e ética desta categoria, no passado, no presente e no futuro. Entendemos, aliás, que, de modo embrionário, o problema já havia sido *colocado* no próprio momento da opção pela formulação «A Sátira: Teorias & Práticas», como tema deste volume 7 da *Revista de Estudos Literários* do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Universidade de Coimbra. A legitimação subsequente do *problema* demonstra a oportunidade epistemológica desta proposta de reflexão.

Marta Teixeira Anacleto

Maria João Simões